

# POESIAS PROFANAS.

## CANTATA.

### PIGMALIÃO.

Ja da lucida Aurora scintilava  
O tremulo fulgor , e a Noite fria  
Nas mais remotas praias do Occidente ,  
Entre abismos gelados , se escondia.

Amor impaciente  
Dos Filhos de Morpheo se acompanhava ,  
E de Pigmalião a altiva mente ,  
Com lisonjeiros sonhos , afagava.

Ora de Galathea ,  
A estatua airosa e bella ,  
Obra do seo cizel , obra divina ,  
Se lhe avivava na amorosa idea :

Ora cuidava vê-la  
Pouco a pouco animar-se ,  
E a marmorea dureza transformar-se  
Em suave , vital brändura , dina  
D'aquelle que em Cythera ,  
Sobre os Amores e o Prazer domina.

Sobresaltado freme ;  
E entre illusões espera  
Galathea apertar nos ternos braços :  
Mas subito desperta  
Procura-a , não a vê ; suspira , e geme.  
Então , com rosto triste e carregado ,  
O corpo ergue cansado ,  
E mal firmando os passos ,  
Girando a vista incerta  
Pela vasta officina , o busto encara  
Da magestosa Juno ,  
Que junto colocára  
Ao do implacavel , fero Deus Neptuno :  
Lança mão do cizel ; ergue o martelo ;  
Repoli-los intenta ,  
E o extremo ideal tocar do bello.  
Mas o cizel da mão se lhe extravia ;  
Froxo o martelo assenta ,  
E na vivaz ardente fantazia .  
Só Galathea com prazer revia.  
Acceso , arrebatado  
De insolito furor quebra , esmigalha  
O marmoré inculpado  
Dos bustos , que polia :  
Arremeça per terra , e á tōa espalha  
O martelo , e o cizel , com que trabalha.  
Volve os olhos , repara  
De Galathea amada

Na formosura rára ,  
E ferido de Amor , curva tremendo  
Os joelhos , e já não lhe cabendo  
Dentro d' alma encantada  
O transporte que o agita , ardido brada :  
    » O' tu , que os Deuses do Olimpo  
    » Feres de inveja , e de espanto ,  
    » Porque nunca poude tanto  
    » Todo o seo alto poder ;  
    » He possivel que reunas  
    » Tanta graça , tal belleza ,  
    » E te negue a Natureza  
    » Respirar , sentir , viver ?  
» Eis do genio o prodigo soberano :  
» Nem poderá jamais o sp'rito humano ,  
» Depois de rematar esta obra prima ,  
    » Conter força sobeja ,  
    » Que poderosa seja ,  
» Para novos inventos , sem que o oprima ,  
    » Tam grande esforço d'arte ,  
» E esmorecido desfaleça , e caia .  
» Amor , ó Deus , sem quem tudo desmaia ;  
    » Amor que me guiaste  
» O sublime cizel nesta ardua empreza ,  
    » Ah ! desce , vêm ; reparte  
    » Da minha vida parte  
» Com aquella , que tu avantajaste  
    » A' Deusa da belleza :

» Supre assim o languor da natureza :  
» Influe doce alento  
» Na minha Galathea tam formosa :  
» Influe lhe razão , e sentimento.  
» O' Amor ! ó Deidade grandiosa !  
» Anima-a do calor , em que abrazado  
» Meo coração a teo poder se rende :  
» Rouba a Jove esse facho sublimado  
» Do qual a vida pende :  
» Sacode , vibra a chamma ,  
» Que os mortaes aviventa , anima , inflamma .  
» O' Amor ! ó Deus grande ! per quem vive  
» Quanto nos vastos mares  
» Se volvē , e quanto talha os leves ares ;  
» Per quem tudo revive ,  
» E cuja mão potente desencerra  
» A vital força que fecunda a terra !  
» Escuta a voz que o teo socorro implora ,  
» E a minha Galathea  
» Possa eu ver sem demora  
» Sentir o fogo , que em meo peito ondea .  
» Deuses , se isto impedís , de novo digo  
» Que Inveja negra e fea  
» Em vossos corações achou abrigo .  
» Mas que vejo ! ó justos ceos !  
» Treme o marmore e respira ,  
» E parece se retira  
» Ao toque de minha mão !

» Rubro sangue as veias gira ,  
» Já seo braço me rodea ,  
» E da linda Galathea  
» Já palpita o coração !  
» Nos olhos lhe circula , eu não me engano ,  
» O teo fogo , ó Amor ! hoje cessaste  
» De ser um Deus tyrano :  
» Hoje sobre os mais Deuses te elevaste.  
» Que te direi , Amor ? . . . Olha . . . repará ,  
» Nas faces delicadas  
» As graças animadas  
» Ateando desejos , e compara  
» Tuas acções com esta que fizeste :  
» Ve bem como a ti mesmo te excedeste :  
» Prazeres fervorosos ,  
» Suspiros encendidos ,  
» Transportes anciosos ,  
» Mil ais interrompidos ,  
» Afagos e deleites , como em bando ,  
» Pela voluptuosa  
» Cintura , mais que airosa ,  
» Qual a hera se enrolam , misturando  
» As engracadas frentes ;  
» E de mimos ardentes ,  
» De delicias minha alma repassando .  
» O' Galathea ! ó minha doce vida !  
» Tu me faltavas só para endeusar-me ,  
» E de immortaes prazeres inundar-me .

» Agora brame irada  
 » A natureza contra mim erguida !  
 » Não a receio , e nada  
 » Já me pode assustar , porque te vejo  
 » Responder a meu fervido desejo ;  
 » Dar vida a novos seres ,  
 » Crear o sentimento  
 » De mil novos prazeres :  
 » Eis , ó Deuses ! sem duvida a ambrosia ,  
 » O divinal sustento ,  
 » A suave celeste inéodia ,  
 » Que embebe de alegria ,  
 » E torna glorioso o Firmamento ! »

Com este pensamento  
 Transportado contempla a Galathea  
 ( Que , ou mova a medo os passos ,  
 Ou revolva o semblante ,  
 Ou já recurve os braços  
 Em torno ao seo amante ,  
 A cada movimento ,  
 A cada novo instante ,  
 Sente uma nova idea ,  
 Sente um novo prazer , que a senhorea ).  
 Então outro prodigo Amor obrando ,  
 A lingoagem dos sons vai-lhe inspirando ,  
 E de repente usando  
 D'este dote sublime

A feliz Galathea assim se exprime :

« Este marmore que toco ,  
» Esta flor tam graciosa ,  
» Nem esta arvore frondosa ,  
» Nada d'isto , nada he eu :  
» Mas , ó tu ! que ante'mim vejo ,  
» Que todo o meu peito abalas ,  
» Que tam doce de amor falas .  
» Ah ! tu sim , tambem es eu .  
» Vem a mim querido objeto ,  
» Aperta-me nos teos braços ;  
» Convence-me em ternos laços ,  
» Que eu e tu somos so eu . »

---

N O T A.

O verso do segundo recitativo :

Se volve , e quanto talha os leves ares ,  
estava no original assim :

Se volve , quanto habita os densos ares .

Alem d'esta , as principaes alterações , que fiz nesta bellissima composição , foram no ultimo recitativo , e na ultima aria . No recitativo os versos que alterei , e vam marcados com o signal ( ) , estavam assim no original :

Que ou volva a medo os passos ,  
Ou gire o seo semblante , \*  
Ou aredone os braços  
Em torno ao seo amante ,  
Em cada movimento ,  
Em cada novo instante , etc.

A ultima aria estaya da maneira seguinte :

Este marmore que toco ,  
Essa flor tam graciosa ,  
Nem essa arvore frondosa ,  
Nada d'isso , nada he eu.  
Mas ó tu quem quer que és ,  
Que todo o meo peito abalas ,  
Que tam doce de amor falas ,  
Ah ! tu sim , tu inda es eu.

Vém a mim querido objecto ,  
Vem cercar-me com teos braços ,  
E assim preza em doces laços  
Couvencer-me que inda es eu.

As razões que me moveram a fazer as alterações que fiz , parecem-me assaz palpáveis ; e por isso me poupo ao trabalho de expô-las aqui. Com tudo como em poesia , considerações de gosto devem muitas vezes prevalecer sobre considerações philosophicas ou gramaticaes , por isso assentei de conservar nesta nota a lição propriamente do autor.

---